Princípios de Antropologia

Tradução da 2ª edição norte-americana

WILLIAM A. HAVILAND
Professor Emérito, University of Vermont

HARALD E. L. PRINS
Kansas State University

DANA WALRATH
University of Vermont

BUNNY McBRIDE
Kansas State University

Tradução
Elisete Paes e Lima

Revisão técnica
Antônio Pimentel Pontes Filho
Mestre em Antropologia Social, bacharel em Ciências Sociais. Professor da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Atua nas áreas de Antropologia da Religião, Teoria Antropológica, Antropologia Visual, Cultura. Líder do Grupo de Pesquisa em Antropologia Social – Nimuendajú (CNPq).

CENGAGE Learning™

8 Características da cultura

© Jean-Baptiste Rabouan/Hemis/Corbis (DC)/Latinstock

INTRODUÇÃO VISUAL

Cada cultura é distinta e expressa suas extraordinárias qualidades de várias maneiras – através das roupas que usam; do modo como falam; dos alimentos que comem; onde encontram comida; quando descansam; com quem vivem. Embora a cultura vá muito mais além do que os olhos veem, ela está inscrita em todo lugar que olhamos. Esta imagem mostra o grupo nômade rabari percorrendo o deserto de Kutch, no oeste da Índia. Como a movimentação regular é parte essencial da sua luta pela sobrevivência, quase tudo que eles possuem é transportável e necessário. Além do mais, os objetos que produzem, usam e carregam são muito benfeitos e lindamente decorados com belos desenhos. Os tecidos diferentes, as formas e as cores dos objetos e das roupas marcam a identidade social do grupo. Desse modo, esses viajantes são facilmente reconhecidos como rabaris, mesmo a distância. Essa apresentação específica do indivíduo é uma das muitas funções da cultura.

Conceito de cultura
Características da cultura
Cultura é aprendida
Cultura é compartilhada
Cultura é baseada em símbolos
Cultura é integrada
Cultura é dinâmica
Cultura e adaptação
Cultura e mudanças
Cultura, sociedade e indivíduo
Etnocentrismo e avaliação da cultura
Resumo do capítulo

Alunos de antropologia estão destinados, aparentemente, a encontrar em seus estudos uma variedade infinita de sociedades, com seu ambiente, sistema econômico, política e religião distintos. Apesar da grande diversidade, essas sociedades possuem um aspecto em comum: cada uma delas é um grupo de pessoas que cooperam entre si para assegurar sua sobrevivência coletiva e seu bem-estar. A vida em grupo e a cooperação são impossíveis, a menos que os indivíduos saibam como será o comportamento dos outros em determinadas situações. Portanto, é necessário certo grau de comportamento previsível por parte de cada membro da sociedade. Para os seres humanos, a cultura estabelece os limites de comportamento e o direciona para caminhos previsíveis que geralmente são aceitos por aqueles que fazem parte dessa mesma cultura.

CONCEITO DE CULTURA

O conceito moderno de cultura foi elaborado no fim do século XIX. A primeira definição realmente clara e compreensiva foi a do antropólogo britânico Sir Edward Burnett Tylor. Em 1871, ele definiu cultura como "... um todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, lei, moral, costumes e quaisquer outros hábitos e capacidades adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade".

As definições recentes tendem a fazer uma distinção mais clara entre comportamento real e ideias, valores e percepções abstratas do mundo que fornecem informações para esse comportamento. Em outras palavras, a **cultura** é muito mais que o comportamento observável; são ideias, valores e percepções de uma sociedade, compartilhados e socialmente transmitidos, empregados para entender a experiência e gerar comportamentos que os reflitam.

CARACTERÍSTICAS DA CULTURA

Por meio de estudos comparativos de muitas culturas humanas, do passado e do presente, os antropólogos conseguiram entender as características básicas evidentes em todas elas: toda cultura é socialmente aprendida, compartilhada, baseada em símbolos, integrada e dinâmica. O estudo cuidadoso dessas características nos ajuda a perceber a importância e a função da cultura em si mesma.

GLOSSÁRIO

cultura Uma sociedade partilha e transmite socialmente ideias, valores e percepções, os quais são empregados para se entender a experiência e gerar comportamentos que os reflitam.

Cultura é aprendida

GLOSSÁRIO

enculturação O processo pelo qual a cultura de uma sociedade é transmitida de uma geração para a seguinte e por meio do qual os indivíduos se tornam membros dessa sociedade.

sociedade Um grupo organizado ou grupo de pessoas interdependentes que geralmente compartilham território, linguagem e cultura, e que atuam juntas para a sobrevivência coletiva e o bem-estar.

gênero (2) Elaboração cultural e significados estabelecidos para a diferença biológica entre os sexos.

Toda cultura é socialmente aprendida, não é herdada biologicamente. Aprende-se a própria cultura crescendo com ela. O processo de transmissão da cultura de uma geração para a outra se chama **enculturação**.

A maior parte dos animais come e bebe quando sente necessidade. Os seres humanos, contudo, aprendem a comer e a beber em certos horários culturalmente prescritos e a sentir fome à medida que essa hora se aproxima. Esses horários de alimentação variam de uma cultura para a outra, assim como o que é comido, como é preparado, como e onde é consumido. Para acrescentar mais complexidade, a comida é utilizada para outros contextos, além de satisfazer as necessidades nutricionais. Quando empregada para celebrar rituais e atividades religiosas, como no geral acontece, a comida "estabelece relacionamentos de dar e receber, de cooperação, de compartilhamento, de uma união emocional que é universal".[1]

Através da enculturação todas as pessoas aprendem as formas sociais adequadas para satisfazer as necessidades básicas biologicamente determinadas de todos os seres humanos: alimento, sono, abrigo, companhia, autodefesa e satisfação sexual. É importante distinguir essas necessidades, que não são aprendidas, e como elas são satisfeitas – cada cultura, a sua maneira, determina isso. Por exemplo, para um pescador franco-canadense, o conceito de um belo jantar e de uma maneira confortável de dormir pode ser bem diferente do conceito de um pastor nômade massai, no leste da África.

A maioria dos mamíferos, se não todos, exibe comportamento aprendido. Pode-se mesmo afirmar que várias espécies possuem cultura elementar, em que as populações locais compartilham padrões de comportamento os quais, como entre os humanos, são aprendidos com a geração anterior e diferem de uma população para outra. Por exemplo, as pesquisas mostram um padrão distinto de comportamento entre os leões do deserto do Kalahari, no sul da África, que promoveu a interação pacífica com os caçadores e coletores nativos da região e que cada geração de leões passa para a seguinte.[2] Além do mais, a cultura dos leões do Kalahari modificou-se em um período de trinta anos, em resposta a novas circunstâncias. Isso posto, é importante observar que nem todo comportamento aprendido é cultural. Por exemplo, um pombo pode aprender alguns truques, mas seu comportamento é reflexivo, resultado do condicionamento por treinamento repetitivo; não é produto da enculturação.

Além de nossa espécie, exemplos de comportamento cultural são particularmente evidentes entre outros primatas. Um chimpanzé, por exemplo, pegará um galho, retirará as folhas e o limpará para fazer uma ferramenta para extrair cupins do ninho. Esse ato, de fazer uma ferramenta, que os jovens aprendem com os mais velhos, é inquestionavelmente um modo de comportamento cultural, antes considerado exclusivamente humano. No Japão, uma espécie de macaco aprendeu as vantagens de lavar a batata-doce antes de comê-la e transmitiu essa prática para a geração seguinte.

---

1 Caroulis, J. Food for thought. *Pennsylvania Gazette*, v. 95, n. 3, p. 16, 1996.

2 Thomas, E. M. *The tribe of the tiger*: Cats and their culture. Nova York: Simon & Schuster, 1994. p. 109-186.

© 2010 Photos.com, a division of Getty Images. All rights reserved.

A cultura ocidental, em geral, exige que se determine aos bebês uma identidade de gênero, masculino ou feminino. Contudo, a cada ano nascem números significativos de bebês cujos órgãos genitais não correspondem às expectativas culturais. Como apenas dois gêneros são reconhecidos, a reação comum é fazer com que os corpos se moldem às exigências culturais através de cirurgias para estabelecer o gênero que envolve a construção de genitais masculinos ou femininos. Isso contrasta com muitas culturas indígenas norte-americanas que reconhecem mais de dois gêneros.*

* Para estatísticas a respeito, veja Blackless, M. et al. How sexually dimorphic are we? Review and Synthesis. *American Journal of Human Biology*, v. 12, p. 151-166, 2000.

Em algumas espécies de primatas, a cultura de uma população geralmente difere da de outras, como acontece entre os humanos. Descobrimos, tanto em cativeiro como na natureza, que os primatas em geral e os símios em particular "possuem uma inteligência próxima à humana, que geralmente inclui o uso de sons de forma representativa; percepção rica dos objetivos de outros; habilidade para se engajar no engano tático; e habilidade para usar símbolos para se comunicar com humanos e entre si".[3]

A consciência e o entendimento humano cada vez maior concernentes a essas características de nossos parentes primatas vêm desencadeando inúmeros movimentos para estender os direitos humanos aos símios superiores. O movimento alcançou um momento importante em 2008, quando o Parlamento espanhol aprovou uma resolução que inclui o país no projeto "Declaração sobre os grandes símios", estendendo alguns direitos humanos a gorilas, chimpanzés, bonobos e orangotangos.[4]

Cultura é compartilhada

Como um conjunto compartilhado de ideias, valores, percepções e padrões de comportamento, a cultura é o denominador comum que torna os atos dos indivíduos inteligíveis para os outros membros de sua sociedade. Permite-lhes prever de que modo outras pessoas provavelmente se comportam em determinada circunstância e lhes diz como reagir adequadamente. Pode-se definir **sociedade** como um grupo organizado, ou grupo de pessoas interdependentes que geralmente compartilham território, linguagem e cultura, e que atuam juntas para a sobrevivência e o bem-estar coletivo. O modo como essas pessoas dependem umas das outras pode ser visto em aspectos como sistema econômico, de comunicação e de defesa. Elas também estão ligadas por um senso de identidade comum.

Como cultura e sociedade são conceitos estreitamente relacionados, os antropólogos estudam ambos. Obviamente, não pode haver cultura sem sociedade. Do mesmo modo, não há nenhuma sociedade humana conhecida que não apresente cultura. O mesmo não se pode afirmar sobre outras espécies animais. Formigas e abelhas, por exemplo, cooperam de maneira instintiva, o que indica claramente um grau notável de organização social. Contudo, esse comportamento instintivo não é cultura.

Embora a cultura seja compartilhada pelos membros de uma sociedade, é importante perceber que nem tudo é uniforme. Em primeiro lugar, duas pessoas não apresentam a mesma versão exata de sua cultura. E, provavelmente, existem outras variações. No mínimo, há algumas diferenças entre os

[3] Reynolds, V. Primates in the field, primates in the lab. *Anthropology Today*, v. 10, n. 2, p. 4, 1994.

[4] O'Carroll, E. Spain to grant some human rights to apes. *Christian Science Monitor*, 27 jun. 2008.

papéis do homem e da mulher. Isso se deve ao fato de as mulheres darem à luz e os homens não, e de existirem diferenças óbvias entre a anatomia masculina e a feminina e também em sua fisiologia reprodutora. Toda sociedade atribui sentido cultural às diferenças biológicas entre sexos, explicando-as de modo particular e especificando seu significado em termos de papéis sociais e padrões esperados de comportamento.

Cada cultura faz isso a seu modo; portanto, pode haver tremendas variações de uma sociedade para outra. Os antropólogos empregam o termo **gênero** para se referir às elaborações e aos significados culturais estabelecidos para a diferença biológica entre os sexos. Portanto, embora o sexo de uma pessoa seja biologicamente determinado, o *gênero* é socialmente construído no contexto específico de cultura.

Além das diferenças sexuais diretamente relacionadas à reprodução, qualquer base biológica para contrastar os papéis de gênero vem desaparecendo nas sociedades modernas industrializadas e pós-industrializadas. (Por exemplo, os braços robóticos empregados para movimentar os motores pesados de automóveis em uma linha de montagem eliminam a necessidade de força muscular para essa tarefa.) No entanto, todas as culturas exibem pelo menos alguma diferenciação de papel relacionada à biologia, algumas muito mais que outras.

Além da variação cultural associada a gênero, também há a variação relacionada à idade. Em qualquer sociedade não se espera que crianças se comportem como adultos, e vice-versa. Mas, então, quem é criança e quem é adulto? Mais uma vez, embora as diferenças de idade sejam "naturais", as culturas apresentam seus próprios significados e cronologias ao ciclo de vida humano.

Subculturas: grupos dentro de uma sociedade maior

Além das variações de gênero e idade, pode haver variação cultural entre subgrupos nas sociedades que compartilham uma cultura geral. Podem ser grupos ocupacionais em sociedades onde existe divisão complexa do trabalho, ou classes sociais em uma sociedade estratificada, ou grupos étnicos em outras. Quando existem esses grupos em uma sociedade, cada um com seus modelos distintos de ideias, valores e comportamentos, mas ainda compartilhando alguns modelos comuns, chamamos **subculturas**. A palavra *subcultura* não implica status mais baixo em relação ao vocábulo *cultura*.

As comunidades amish são um exemplo de subcultura na América do Norte. Especificamente, formam um **grupo étnico** – pessoas que coletiva e publicamente se identificam como um grupo distinto com base em aspectos culturais comuns, como origem, língua, costumes e crenças tradicionais. Os amish se originaram na região oeste da Europa, durante a Reforma Protestante, no século XVI. Atualmente, o número de membros desse grupo étnico chega a quase 100 mil e eles vivem especialmente nos estados da Pensilvânia, Ohio, Illinois e Indiana, nos Estados Unidos, e em Ontário, no Canadá.

Esses pacifistas rurais baseiam suas vidas nas crenças tradicionais anabatistas, que afirmam que apenas o batismo do adulto é válido e que os "cristãos verdadeiros" (como se autodefinem) não devem ter governo, portar armas ou usar a

GLOSSÁRIO

subcultura [illegible]

grupo étnico [illegible]

etnicidade [illegible]

força. Eles proíbem o casamento com pessoas que não fazem parte de sua fé, o que exige obediência aos ensinamentos cristãos radicais, incluindo a separação social do que eles consideram "mundo maligno" e a rejeição de riqueza material, considerada "vanglória".

Valorizam a simplicidade, o trabalho árduo e o alto grau de cooperação entre vizinhos; usam roupas amish simples que os distingue e, mesmo hoje, dependem do cavalo como meio de transporte e para os trabalhos agrícolas.[5] Geralmente falam entre si um dialeto, conhecido como alemão da Pensilvânia. Utilizam o alemão oficial (o alto alemão, a forma culta da língua) para cerimônias religiosas, embora as crianças aprendam inglês na escola. Rejeitam o que consideram conhecimento "mundano"; as comunidades mantêm suas próprias escolas para garantir que os jovens aprendam os valores sociais amish, além de leitura, redação e matemática.

Em resumo, os amish compartilham a mesma **etnicidade**. Esse termo, cuja raiz vem da palavra grega *ethnikos* ("nação") e se relaciona a *ethnos* ("costume"), é a expressão do conjunto de ideias culturais mantidas por um grupo étnico.

O não conformismo dos amish a muitos modos da cultura dominante frequentemente resulta em conflitos com as autoridades do Estado, assim como em assédio pessoal e legal. Pressionados ao compromisso, introduziram "treinamento vocacional" no ensino médio para atender as exigências estaduais, enquanto tentam reter o controle sobre suas escolas e manter seu modo de vida particular.

Confrontados com os desafios econômicos que, para a maior parte dos grupos amish, tornam impossível a subsistência exclusivamente da agricultura, alguns trabalham fora de suas comunidades. Muitos outros estabeleceram indústrias de queijo e ativamente comercializam produtos feitos em casa para turistas e pessoas que não são da comunidade. Contudo, enquanto a separação econômica da sociedade dominante vem diminuindo nas últimas quatro décadas, o mesmo não acontece com a separação cultural.[6] Continuam sendo comunidades reclusas, mais desconfiadas que nunca da cultura dominante norte-americana que as rodeia, e se misturam o mínimo possível com os não amish.

Os amish são um exemplo de como uma subcultura pode se desenvolver e lidar com a cultura mais ampla na qual está inserida. Embora sejam bastante diferentes, os amish, na verdade, colocam em prática muitos valores que outros norte-americanos respeitam na forma abstrata: parcimônia, trabalho árduo, independência e vida familiar íntima. O grau de tolerância concedido a eles, em comparação a outros grupos étnicos, deve-se em parte ao fato de serem europeus "brancos"; considerados da mesma "raça" que aqueles que compõem a sociedade dominante. Embora o conceito de raça apresentado não tenha validade biológica, quando aplicado aos seres humanos, ainda persiste como uma forma poderosa de classificação social. Isso pode ser observado na falta de tolerância comum em relação aos indígenas, tipicamente vistos como racialmente diferentes pelos membros da sociedade dominante.

O que está implícito na discussão até o momento é que as subculturas podem se desenvolver de formas diferentes. Por um lado, uma subcultura, como a dos amish, nos Estados Unidos, pode surgir quando uma comunidade de imigrantes mantém alguns costumes distintos, da terra natal dos ancestrais, enquanto se estabelece em uma nova sociedade. Por outro, as culturas indígenas norte-americanas são grupos culturais antes independentes que sofreram colonização por europeus e foram controlados à força pelos governos federais, nos Estados Unidos e no Canadá.

---

[5] Hostetler, J.; Huntington, G. *Children in Amish society*. Nova York: Holt, Rinehart & Winston, 1971.

[6] Kraybill, D. B. *The riddle of Amish culture*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2001. p. 1-6, 244, 268-269.

Embora todos os grupos indígenas norte-americanos tenham experimentado mudanças enormes resultantes da colonização, muitos mantêm tradições significativamente diferentes da cultura euro-americana dominante que os cerca, de modo que às vezes é difícil decidir se permanecem como culturas distintas ou como subculturas. Nesse sentido, *cultura* e *subcultura* representam fins opostos de um contínuo, sem divisão clara. A seção "Antropologia Aplicada" examina a interação entre cultura e subcultura com um exemplo referente à moradia dos índios apaches.

Antropologia Aplicada
Novas moradias para os apaches

George S. Esber

Os Estados Unidos, assim como outros países industrializados do mundo, abrigam algumas subculturas mais ou menos distintas. Aqueles que vivem conforme os modos de uma subcultura particular têm relacionamentos mais próximos entre si do que com os outros, recebendo constantemente a reafirmação de que suas percepções de mundo são as únicas corretas, e passam a aceitar de modo verdadeiro que a cultura, como um todo, é como a percebem. Consequentemente, os membros de uma subcultura com frequência têm problemas para entender as necessidades e aspirações de outros grupos. Por esse motivo, os antropólogos, com seu entendimento especial sobre as diferenças culturais, geralmente são contratados para intermediar situações que exigem a interação entre grupos com tradições culturais diferentes.

Por exemplo, enquanto eu ainda era aluno do curso de antropologia, um dos professores solicitou que eu fosse trabalhar com arquitetos em uma comunidade dos índios apaches tonto, a fim de avaliar as necessidades de moradia em uma comunidade nova. Embora os arquitetos conhecessem as diferenças transculturais no uso do espaço, eles não tinham ideia de como obter informações relevantes dos indígenas. Por outro lado, os apaches não tinham consciência clara de suas necessidades, pois estas são baseadas em padrões inconscientes de comportamento. Quanto a isso, poucas pessoas estão conscientes das necessidades de espaço de acordo com os seus próprios padrões sociais de comportamento.

Minha tarefa foi persuadir os arquitetos a aguardar tempo suficiente para que eu pudesse coletar, através da observação participativa e da revisão dos registros escritos, informações sobre as necessidades de moradia dos índios. Ao mesmo tempo, tive de lidar com a ansiedade dos indígenas em relação à chegada de um estranho, que viria estudar aspectos pessoais de sua vida diária à medida que ela transcorria, dentro e fora de suas casas. Depois que esses obstáculos foram vencidos, me tornei capaz de identificar e transmitir adequadamente aos arquitetos os aspectos da vida apache que eram importantes para o projeto das casas e da comunidade. Concomitantemente, as discussões com os apaches sobre minhas descobertas melhoraram a consciência do grupo sobre suas próprias necessidades.

Como resultado de meu trabalho, os apaches se mudaram para as casas projetadas com *sua* participação, de acordo com *suas* necessidades específicas. Uma de minhas descobertas foi perceber que os apaches preferiam ir com calma nas relações sociais, em vez de apertar as mãos e começar a interagir de imediato, como é mais comum entre os norte-americanos. A etiqueta apache exige que as pessoas tenham visão total uma da outra, para que possam avaliar o comportamento a distância, antes de começarem a interagir. Isso requer

um espaço de grandes dimensões. Ao mesmo tempo, o anfitrião se sente obrigado a oferecer comida ao convidado, como um prelúdio para a interação social. Assim, a cozinha e a sala de jantar não poderiam ficar separadas da sala de visitas. Do mesmo modo, os utensílios de cozinha de tamanho padrão para uma família de classe média não eram adequados, pois a necessidade de preparar fartas quantidades de alimento, entre as famílias extensas, requeria utensílios maiores, o que, por sua vez, exigiria armários e pias maiores. Construídas de acordo com essas características, as novas casas conseguiram acomodar as antigas tradições nativas.

(Por George S. Esber. Adaptado de Designing Apache houses with Apaches. In: Wulff, R. M.; Fiske, S. J. (Eds.) *Anthropological praxis*: Translating knowledge into action. Boulder, CO: Westview Press, 1987. Atualizado por Esber 2007.)

Pluralismo

Nossa discussão levanta a questão da **sociedade pluralista**, ou multiétnica, na qual dois ou mais grupos étnicos, ou nacionalidades, são politicamente organizados dentro de um mesmo território estatal, mantendo, no entanto, suas diferenças culturais. As sociedades pluralistas não poderiam ter existido antes que os primeiros estados politicamente centralizados surgissem, há cerca de 5.000 anos. Com o surgimento do estado, foi possível promover a unificação política de duas ou mais sociedades antes independentes, cada uma com sua própria cultura, criando uma ordem mais complexa, que transcende a teoria de uma cultura – uma sociedade.

Todas as sociedades pluralistas, comuns no mundo de hoje (Figura 8.1), enfrentam o mesmo desafio: elas compreendem grupos que, em virtude de seu alto grau de variação cultural, essencialmente operam conforme conjuntos diferentes de regras. Como a vida social exige comportamento previsível, pode ser difícil para os membros de qualquer subgrupo interpretar precisamente e seguir os padrões distintos por meio dos quais os outros operam.

Infelizmente, as dificuldades que os membros de um subgrupo em uma sociedade pluralista podem encontrar para entender os padrões de outros grupos vão muito além do simples desentendimento. Podem se intensificar a ponto de ódio e violência. Existem muitos exemplos de problemas em sociedades pluralistas no mundo atual, entre eles podemos citar Bolívia, Iraque e Quênia, onde os governos centrais enfrentam grandes desafios para manter a paz e a ordem legal.

Cultura é baseada em símbolos

Grande parte do comportamento humano envolve **símbolos** – signos, sons, emblemas e outros elementos que se relacionam a algo e o representam de forma significativa. Como geralmente não há relação inerente ou necessária entre um objeto e sua representação, os símbolos são arbitrários, adquirindo significados específicos quando as pessoas concordam em usá-los em sua comunicação.

Na verdade, os símbolos – bandeira nacional, aliança de casamento, dinheiro – estão presentes em todos os aspectos da cultura, na vida social, na religião, na política e na economia. Sabemos muito bem o fervor e a devoção que um símbolo religioso pode despertar em um fiel. A lua crescente para os islamitas, a cruz para os cristãos, a estrela de Davi para os judeus, assim como o sol para os incas, a vaca para os hindus, o búfalo branco para

GLOSSÁRIO

sociedade pluralista Sociedade em que dois ou mais grupos étnicos ou nacionalidades são politicamente organizados dentro de um território estatal, mantendo, no entanto, suas diferenças culturais.

símbolo Signo, som, emblema ou outro elemento que está arbitrariamente ligado a algo e que o representa de forma significativa.

Figura 8.1 Este mapa apresenta alguns grupos étnicos da Federação da Rússia, a parte dominante e a mais extensa da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

os indígenas das planícies norte-americanas, ou qualquer outro objeto de adoração, podem evocar a lembrança de anos de luta e perseguição, ou podem representar toda uma filosofia ou credo.

O aspecto simbólico mais importante da cultura é a língua, o uso de palavras para representar objetos e ideias. Por meio da língua, os homens conseguem transmitir a cultura de uma geração para a outra. Em particular, a língua possibilita o aprendizado cumulativo de experiência compartilhada. Sem ela, uma pessoa não poderia transmitir informações sobre eventos, emoções e outras experiências a pessoas que deles não participaram. A língua é tão essencial que um capítulo inteiro será dedicado ao assunto.

Cultura é integrada

A cultura, como já vimos, inclui o que as pessoas realizam para sobreviver, as ferramentas que utilizam, o modo como trabalham juntas, como transformam o ambiente e constroem suas moradias, o que comem e bebem, qual é sua religião, o que consideram certo e errado, quando e que presentes costumam dar, com quem casam, como educam os filhos, enterram os seus mortos, e assim por diante. Por conta disso e de todos os outros aspectos de uma cultura, estes devem estar razoavelmente bem integrados para funcionar de maneira conveniente. Os antropólogos raramente se concentram em um aspecto isolado; eles olham cada aspecto considerando o contexto geral e examinando cuidadosamente suas ligações com aspectos culturais relacionados.

Para fins de comparação e análise, os antropólogos costumam imaginar uma cultura como um sistema bem estruturado, composto de partes distintas que funcionam juntas como um todo organizado. Enquanto distinguem cada parte como uma unidade claramente definida, com suas características próprias e seu lugar específico dentro do sistema maior, os antropólogos reconhecem que a realidade é uma entidade complexa e entrelaçada e as divisões entre as unidades culturais nem sempre são nítidas.

GLOSSÁRIO

estrutura social As relações governadas por regras, com todos os direitos e obrigações, que mantêm os membros de uma sociedade juntos. Isso inclui arranjos familiares, famílias, associações, relações de poder e até mesmo política.

infraestrutura A base econômica de uma sociedade, incluindo as práticas de subsistência, as ferramentas e outros equipamentos utilizados para garantir a sobrevivência.

superestrutura Senso de identidade e visão de mundo de uma sociedade. O conjunto de ideias, crenças e valores, pelo qual um grupo de pessoas dá sentido ao mundo – sua forma, desafios e oportunidades – e nele percebe seu lugar. Inclui religião e ideologia nacional.

De modo geral, os aspectos culturais de uma sociedade podem ser organizados em três categorias: estrutura social, infraestrutura e superestrutura. **Estrutura social** refere-se às relações governadas por regras, com todos os seus direitos e obrigações, que mantêm os membros de uma sociedade unidos. Arranjos familiares, famílias, associações e relações de poder, incluindo a política, fazem parte da estrutura social. Ela estabelece a coesão do grupo e permite que as pessoas atendam de modo consistente suas necessidades básicas, incluindo alimento e abrigo para si e seus dependentes, por meio do trabalho. Portanto, existe relação direta entre a estrutura social de um grupo e sua fundação econômica, que inclui práticas de subsistência, ferramentas e outros equipamentos utilizados para garantir a sobrevivência.

Como as práticas de subsistência envolvem o uso de recursos disponíveis para atender às necessidades básicas, esse aspecto é conhecido como **infraestrutura**. Apoiada pela fundação econômica, uma sociedade também se mantém unida pelo senso de identidade e de visão de mundo. O corpo de ideias, crenças e valores, pelo qual um grupo de pessoas dá sentido ao mundo – sua forma, desafios e oportunidades – e nele percebe seu lugar, é conhecido como ideologia ou **superestrutura**. Incluindo religião e nacionalismo, a ideologia estrutura as ideias gerais que as pessoas têm sobre si e sobre tudo o que existe em torno delas, e dá sentido e direção às suas vidas. Essas três estruturas interdependentes integram juntas um sistema cultural (Figura 8.2), influenciando e reforçando-se mutuamente e se adaptando às constantes mudanças de fatores ambientais e demográficos.

Uma cultura não sobrevive se não lida de maneira eficiente com os desafios básicos. Isso deve incluir estratégias para produção e distribuição de produtos e serviços considerados necessários para a vida. A fim de garantir a continuidade biológica de seus membros, também deve fornecer uma estrutura social para a reprodução e o apoio mútuo. Deve oferecer formas para transmitir o conhecimento e enculturar novos membros, de modo que eles possam auxiliar uns aos outros e contribuir com suas comunidades como adultos funcionais. Deve facilitar a interação social e oferecer formas para evitar ou resolver conflitos entre seus próprios grupos e com estranhos.

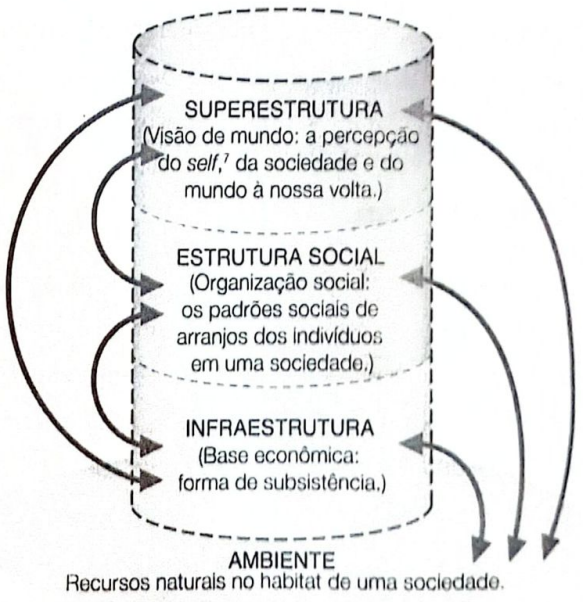

Figura 8.2 Toda cultura é um sistema integrado e dinâmico de adaptação que responde a uma combinação de fatores internos (econômicos, sociais e ideológicos) e externos (ambientais, climáticos). Em um sistema cultural, há relação funcional entre a base econômica (infraestrutura), a organização social (estrutura social) e a ideologia (superestrutura). Qualquer alteração em uma delas provoca mudança nas demais.

[7] *Self* é o conceito que indica o eu socializado, isto é, a percepção da pessoa e sua relação com a sociedade, com as outras pessoas e consigo mesma, a partir de sua enculturação. (NRT)

ocorrência de guerras há muito é vista como um mal necessário. De acordo com as regras de guerra, é permitido matar os homens, mas não as mulheres. Tal sistema promove o desequilíbrio necessário entre os sexos, o que permite a prática da poligamia. É melhor possuir várias esposas quando todas vivem na mesma vila em que o marido e, entre os kapauku, assim acontece. Com esse arranjo, os homens de uma vila são tipicamente parentes "de sangue" uns dos outros, o que aumenta suas habilidades de cooperação em caso de guerra. Levando-se em conta tudo isso, faz sentido que os kapauku tipicamente tracem a descendência (ancestralidade) através dos homens.

O reconhecimento da descendência masculina, aliado a guerras quase constantes, tende a promover a predominância masculina. Portanto, não é nenhuma surpresa descobrir que as posições de liderança na sociedade kapauku sejam ocupadas exclusivamente por homens, que se apropriam do produto do trabalho das mulheres para fazer seu "jogo" político. Essa dominação masculina é, sem dúvida, característica de todas as sociedades humanas. Sem dúvida, como no caso dos kapauku, ela existe apenas em circunstâncias específicas que, se alteradas, modificarão a forma como homens e mulheres se relacionam uns com os outros.

Cultura é dinâmica

A cultura é um sistema dinâmico que responde aos movimentos e às ações que acontecem internamente e em torno dele. Quando um elemento interno do sistema se modifica ou se altera, o sistema inteiro tenta se ajustar; o mesmo acontece quando uma força externa exerce pressão sobre ele. Para funcionar adequadamente, uma cultura deve ser flexível a fim de permitir esses ajustes, em face das circunstâncias instáveis ou modificadoras.

Todas as culturas são, necessariamente, dinâmicas, mas algumas são bem menos que outras. Quando uma cultura é excessivamente rígida ou estática e deixa de fornecer a seus membros os meios necessários para a subsistência a longo prazo, é provável que não consiga sobreviver. Por outro lado, algumas culturas são tão fluidas e abertas às mudanças que podem perder as características que as distinguem. Os amish, mencionados anteriormente neste capítulo, tipicamente resistem às mudanças o máximo possível; no entanto, tomam decisões equilibradas de maneira constante, para se ajustar quando absolutamente necessário. Os norte-americanos em geral, contudo, criaram uma cultura em que a mudança se tornou um ideal positivo.

Em suma, para que uma cultura funcione de modo adequado, as várias partes devem ser consistentes. Mas consistência não é o mesmo que harmonia. Na verdade, sempre há choques, atritos e potencial para conflitos em cada cultura – entre indivíduos, facções e instituições competidoras. Mesmo nos níveis mais básicos de uma sociedade, os indivíduos raramente sofrem o processo de enculturação exatamente da mesma forma, tampouco percebem a própria realidade de modo exatamente idêntico. Além disso, as condições podem sofrer mudanças provocadas por forças internas ou externas.

Uma sociedade funciona razoavelmente bem desde que sua cultura seja capaz de lidar com as tensões e exigências diárias. Entretanto, quando uma cultura não oferece mais soluções adequadas, ou quando as partes que a compõem não apresentam mais consistência, ocorre uma situação de crise cultural. Notavelmente, o sistema cultural em sociedades estratificadas, no geral, favorece a elite dominante, enquanto os grupos das camadas mais baixas se beneficiam menos. A diferença pode ser medida em termos de riqueza material e saúde física.

Conexão Biocultural
Porcos: amor e ódio

Marvin Harris

No Antigo Testamento, o Deus israelita (Javé) denunciou o porco como um animal impuro que contamina aquele que o toca ou come. Mais tarde, Alá convalidou a mesma mensagem a seu profeta Maomé. Atualmente, para milhões de judeus e muçulmanos, o porco continua a ser abominável, mesmo que consiga converter grãos e tubérculos em gordura e proteínas de qualidade superior mais eficientemente que qualquer outro animal.

O que provocou a condenação de um animal cuja carne é apreciada por grande parte da humanidade? Durante séculos, a explicação mais popular afirma que o porco chafurda na própria urina e come excrementos. Mas ligar esse fato ao ódio religioso é incoerente, pois as vacas mantidas em confinamento também pisam na própria urina e fezes.

Essas inconsistências foram reconhecidas no século XII, por Maimônides, filósofo judeu muito respeitado e médico no Egito, que afirmou que Deus condenou o porco como uma medida de saúde pública, porque tinha "um efeito ruim e danoso sobre o corpo". Em meados do século XVIII, a descoberta de que comer carne de porco malcozida causava triquinose confirmou o raciocínio de Maimônides. Os judeus reformistas então rejeitaram esse tabu, convencidos de que, se a carne bem cozida não ameaçava a saúde pública, sua ingestão não ofenderia a Deus.

Os especialistas sugerem que esse tabu surgiu da ideia de que o animal havia sido considerado divino – mas essa explicação não tem fundamento, uma vez que ovelhas, carneiros e vacas também eram adorados no Oriente Médio e sua carne, apreciada por todos os grupos religiosos da região.

Acredito que a verdadeira explicação para essa condenação religiosa esteja no fato de que a criação de porcos ameaçava a integridade dos ecossistemas naturais e culturais básicos do Oriente Médio. Até a conquista do vale do rio Jordão, na Palestina, há mais de 3.000 anos, os israelitas eram pastores nômades, que viviam quase totalmente da criação de ovelhas, cabras e gado. Como todos os pastores, mantinham relacionamentos estreitos com agricultores sedentários que habitavam os oásis e as regiões próximas aos grandes rios. Com esse complexo misto de pastoreio e agricultura, a proibição ao porco constituía uma estratégia ecológica sólida. Os pastores não podiam criar porcos no habitat árido e, entre as populações semissedentárias de agricultores, os porcos eram mais uma ameaça que um bem.

A razão básica para isso é que as zonas mundiais de pastoreio nômade correspondem a planícies e morros sem floresta, muito áridos para a agricultura, que depende da chuva, e os quais não podem ser facilmente irrigados. Os animais domésticos que mais se adaptaram a essas zonas foram os ruminantes (gado, carneiros, ovelhas, bodes e cabras), que conseguem digerir gramíneas, folhas e outros alimentos com celulose melhor que os demais mamíferos.

O porco, entretanto, é primariamente uma criatura de florestas e margens arborizadas de rios. Embora seja onívoro, ganha mais peso ingerindo alimentos com baixo teor de celulose (frutos secos, frutas, tubérculos e principalmente grãos), o que o torna um competidor direto do homem. Ele não consegue sobreviver apenas de gramíneas e não se adapta bem ao clima quente e seco de montanhas, desertos e pastagens do Oriente Médio.

Nas antigas comunidades mistas de pastores e agricultores do Oriente Médio, os animais domésticos eram valorizados principalmente como fonte de leite, queijo, peles, esterco, fibras e tração. Cabras, ovelhas e gado forneciam tudo isso, além da carne magra como suplemento ocasional. Desde o início, portanto, a carne de porco deve ter sido um alimento de luxo, desejado por ser suculento, macio e gorduroso.

Entre 4.000 e 9.000 anos atrás, a população humana no Oriente Médio aumentou seis vezes. O desmatamento extensivo acompanhou esse crescimento, em grande parte pelos danos causados pelos rebanhos de ovelhas e cabras. Sombra e água, as condições naturais adequadas para a criação de porcos, ficaram ainda mais escassas, e a carne de porco se tornou um luxo ainda maior.

O Oriente Médio não é o lugar adequado para criar porcos, mas sua carne continua a ser um regalo suculento. As pessoas acham difícil resistir a essas tentações. Assim, ouviu-se Javé e Alá dizerem que o porco é um animal impuro, inadequado para o manuseio e o consumo. Em resumo, a criação de porcos em número substancial não foi ecologicamente adaptativa, e a produção em pequena escala apenas aumentaria a tentação. Melhor então proibir totalmente o consumo da carne de porco.

(Extraído de Harris, M. *Cows, pigs, wars, and witches:* The riddles of culture. Nova York: Vintage Books/Random House, 1989. p. 35-60.)

CULTURA E ADAPTAÇÃO

No curso de sua evolução, os homens, como todos os animais, enfrentaram continuamente o desafio de se adequarem ao meio ambiente. Como discutimos no Capítulo 2, o termo *adaptação* se refere a um processo gradual por meio do qual os organismos se ajustam às condições do lugar onde vivem. Os organismos se adaptam biologicamente à medida que a frequência de alelos vantajosos e fenótipos correspondentes aumentam em uma população, através do processo conhecido como *seleção natural*. Por exemplo, os pelos que cobrem o corpo e outros traços fisiológicos protegem os mamíferos de temperaturas extremas; dentes adequados os ajudam a encontrar o tipo de alimento necessário e assim por diante. As respostas fisiológicas de curto prazo ao meio ambiente, aliadas a respostas que se incorporam em um organismo através da interação com o meio ambiente durante o crescimento e desenvolvimento, são outros tipos de adaptações biológicas.

Os seres humanos, entretanto, dependem cada vez mais da **adaptação cultural**, um complexo de ideias, tecnologias e atividades que permite que sobrevivam, e mesmo se desenvolvam, em seu ambiente. A biologia não lhes deu um corpo coberto de pelos grossos para protegê-lo em climas frios, mas lhes proporcionou a habilidade para fazer seus próprios casacos de pele e construir abrigos para se protegerem do frio. Eles talvez não consigam correr com a mesma velocidade do guepardo, mas são capazes de inventar e construir veículos que os transportam com mais velocidade e que, em comparação com qualquer outra criatura, alcançam maiores distâncias. Por meio da cultura e de suas muitas construções, a espécie humana garantiu não só a sua sobrevivência, mas também sua expansão, à custa de outras espécies e cada vez mais do planeta como um todo. Ao manipular os ambientes através de meios culturais, os homens conseguiram habitar uma grande diversidade de ambientes, das regiões geladas do Ártico às zonas escaldantes do deserto do Saara. Eles até mesmo já pisaram na Lua.

Isso não significa que tudo o que os homens fazem eles o realizam *porque* seja adaptativo a um ambiente específico. Em primeiro lugar, as pessoas não reagem simplesmente a um ambiente da forma como ele é; ao contrário, elas reagem do modo como o percebem, e grupos diferentes podem entender o mesmo ambiente de maneiras radicalmente distintas. Elas também reagem a outras coisas além do ambiente: sua natureza biológica; suas crenças e atitudes; e as consequências de curto e longo prazo de seus comportamentos em relação a si próprios e às outras formas de vida que existem em seu habitat. (Veja a seção "Conexão Biocultural" sobre uma adaptação cultural específica.) Embora as culturas sejam mantidas pelas pessoas para lidarem com problemas, algumas práticas culturais provaram que não são bem adaptativas e, na verdade, geraram novos problemas, como a água e o ar tóxicos provocados por certas práticas industriais ou a epidemia de obesidade na América do Norte, provocada pela cultura de carros, sanduíches, televisão e computadores pessoais.

Outra complicação é a relatividade de qualquer adaptação específica. O que se adapta a um contexto pode não se ajustar de forma alguma a outro. Por exemplo, as práticas sanitárias dos povos forrageiros – hábitos de higiene e métodos de descarte de lixo – são adequadas para contextos de baixa densidade populacional e certo grau de mobilidade residencial. No entanto, essas mesmas práticas se tornam sérias ameaças à saúde no contexto de populações grandes e completamente sedentárias. De modo similar, o comportamento adaptativo no curto prazo pode não o ser no longo prazo. Desse modo, o desenvolvimento da irrigação na antiga Mesopotâmia (sul do Iraque) possibilitou aumentar a produção de alimentos no curto prazo, mas, ao longo do tempo, favoreceu o acúmulo gradual de sais no solo. Esse aspecto, por sua vez, contribuiu para o colapso da civilização naquela região, cerca de 4.000 anos atrás. Para que uma cultura tenha sucesso, ela deve produzir de maneira coletiva um comportamento humano que geralmente se adapte ao ambiente natural.

CULTURA E MUDANÇAS

As culturas sempre sofreram alterações ao longo do tempo, embora raramente com tanta rapidez ou em tão grande escala como ocorre hoje. As mudanças acontecem em resposta a eventos, como crescimento da população, inovações tecnológicas, crises ambientais, intrusão de indivíduos marginais ou modificação de comportamentos e valores próprios da cultura. Nessa era de globalização, estamos testemunhando um ritmo muito acelerado de mudanças amplas e radicais, que serão discutidas em detalhe no último capítulo deste livro.

Embora as culturas tenham certa flexibilidade para permanecer adaptativas, a mudança cultural também pode provocar resultados inesperados e, no geral, desastrosos. Por exemplo, considere a relação entre cultura e as secas que periodicamente afligem um número considerável de pessoas que vivem nos países africanos, ao sul do deserto do Saara. A vida de cerca de 14 milhões de pastores nômades, nativos dessa região, gira em torno do gado e de outros animais domésticos, levados de um lugar a outro em busca de pastagem e água. Durante milhares de anos, essas pessoas conseguiram desenvolver sua atividade, utilizando com eficiência imensas áreas de terras áridas, de maneira que, muitas vezes, conseguiram sobreviver a secas severas, no passado. Infelizmente, esse modo de vida não é bem visto pelo governo central dos estados modernos da região, porque envolvem a movimentação entre fronteiras internacionais, o que torna difícil acompanhar os nômades para fins de cobrança de impostos e outros controles governamentais.

GLOSSÁRIO

adaptação cultural Um complexo de ideias, atividades e tecnologias que permite que as pessoas sobrevivam, e mesmo se desenvolvam, em seu ambiente.

Como os nômades são um desafio a sua autoridade, esses governos impediram que vagassem pelas regiões tradicionais de pastagem e os transformaram em grupos sedentários. A imposição da perda da mobilidade resultou na exploração excessiva de uma única área para pastagem. O problema vem sendo resolvido pelos esforços governamentais a fim de pressionar os pastores para uma economia de mercado, oferecendo incentivos para que criem mais animais que o necessário para subsistência, a fim de que tenham um excedente para vender e, assim, aumentar a base de impostos. Esse fato provoca exploração excessiva de uma única área de pastagem, erosão do solo e falta de pastagens reserva para períodos de seca recorrente. Portanto, as secas são muito mais desastrosas que antes. Quando uma ocorre, ameaça a própria existência do modo tradicional de vida dos nômades.

CULTURA, SOCIEDADE E INDIVÍDUO

Essencialmente, uma sociedade nada mais é que a união de indivíduos, cada um deles com suas necessidades e interesses específicos. Para sobreviver, essa sociedade precisa equilibrar o interesse pessoal de cada um de seus membros e as necessidades e demandas do bem-estar coletivo como um todo. Para conseguir isso, a sociedade oferece recompensas pela adesão aos padrões culturais. Na maioria dos casos, tais compensações assumem a forma de aprovação social. Por exemplo, na sociedade norte-americana contemporânea, uma pessoa que tem um bom emprego, cuida da família, paga impostos e trabalha como voluntário na sua vizinhança é considerado um "cidadão modelo" na comunidade. Para garantir a sobrevivência do grupo, cada pessoa deve aprender a postergar certas satisfações pessoais imediatas. No entanto, essas necessidades do indivíduo não podem ser suprimidas durante muito tempo, pois o resultado pode ser certo grau de tensão emocional e ressentimento crescente, que provocam protestos, rompimentos e, às vezes, até mesmo violência.

Considere, por exemplo, a questão da expressão sexual que, como tudo o que as pessoas fazem, é moldada pela cultura. A sexualidade é importante em qualquer sociedade, pois ajuda a fortalecer os laços de cooperação entre seus membros, garantindo a perpetuação da própria sociedade. Contudo, o sexo pode provocar rupturas na vida social. Se a questão de quem tem acesso sexual a quem não fica absolutamente esclarecida, a competição por privilégios sexuais pode destruir os laços de cooperação dos quais depende o homem. A atividade sexual descontrolada também pode resultar em taxas de reprodução que fazem com que a população exceda os recursos existentes. Portanto, conforme molda o comportamento sexual, cada cultura deve equilibrar as necessidades da sociedade e as necessidades e desejos sexuais de cada indivíduo, de modo que a frustração não cresça até o ponto em que se torne destrutiva.

As culturas variam muito no modo como lidam com esse aspecto. Por um lado, várias sociedades, como os amish, na América do Norte, ou a Irmandade Islâmica, no Egito, têm uma abordagem extremamente restritiva, determinando que não deve haver relações sexuais fora do casamento. Por outro, sociedades como os noruegueses, no norte da Europa, que geralmente aceitam relações pré-maritais e frequentemente decidem ter filhos fora do casamento, ou casos ainda mais extremos, como os índios canela,[9] no Brasil, cujo código social garante que, cedo ou tarde, todos os membros

[9] Por uma resolução da Associação Brasileira de Antropologia, da década de 1950, os nomes indígenas brasileiros não sofrem declinações; assim, os índios canela; os guarani etc. Por índios canela se entendem e são conhecidos dois grupos, os Ramkokramekrá e os Apanyekrá, que formam os índios timbira. Eles vivem no sudoeste do Maranhão. Vários antropólogos brasileiros (Curt Nimuendaju, Maria Isaura Queiroz, Manuela C. Cunha) e estrangeiros (William H. Crocker) os estudaram. (NRT)

de uma determinada vila tenham relações sexuais com praticamente todas as pessoas do sexo oposto. Entretanto, por mais permissiva que a última situação possa parecer, existem regras rígidas sobre como o sistema opera.[20] Não somente em relação aos aspectos sexuais, mas a todas as questões da vida, as culturas devem tentar equilibrar as necessidades e os desejos do indivíduo com os da sociedade como um todo.

GLOSSÁRIO

etnocentrismo A crença de que a própria cultura é a única forma adequada de viver.

relativismo cultural A ideia de que uma pessoa deve suspender o julgamento sobre as práticas de outras para entendê-las em seus próprios termos culturais.

ETNOCENTRISMO E AVALIAÇÃO DA CULTURA

Há inúmeras soluções culturais extremamente diversificadas para os desafios da existência humana. A questão é: qual a melhor? Os antropólogos ficam intrigados ao descobrir que todas as culturas se veem como a maioral entre todas as existentes. Isso se reflete na forma como as sociedades individuais se referem a si mesmas: tipicamente, o nome tradicional que uma sociedade dá a si própria, no geral, se traduz como "verdadeiros seres humanos". Em comparação, a forma como designam os estrangeiros normalmente se traduz em várias versões de "sub-humano", incluindo "macacos", "cachorros", "gente de aparência estranha", "gente que fala engraçado" e outras expressões. Qualquer cultura que funcione de modo adequado considera suas próprias condutas em termos positivos, e geralmente como as únicas apropriadas, uma visão conhecida como **etnocentrismo**.

Os antropólogos estão ativamente engajados na luta contra o etnocentrismo, desde que começaram a estudar e a realmente viver entre os povos tradicionais com culturas radicalmente diferentes, aprendendo através da experiência pessoal que esses "outros" são tão humanos como qualquer um. Ao resistir à exigência comum de classificar as culturas, os antropólogos têm como objetivo entender as culturas particulares e o conceito geral de cultura. Para isso, examinam cada cultura em seus próprios termos, tentando discernir se ela atende ou não às necessidades e expectativas do seu próprio povo. Se um povo praticava sacrifício humano ou pena capital, por exemplo, os antropólogos investigavam as circunstâncias que transformaram essa prática em algo aceitável, segundo os valores particulares daquele grupo.

A ideia de que uma pessoa deve suspender o julgamento sobre as práticas de outras para entendê-las em seus próprios termos culturais chama-se **relativismo cultural**. Somente por meio dessa abordagem é possível obter uma visão significativa dos valores e crenças implícitos nos comportamentos e instituições de outros povos e sociedades, assim como conhecimentos mais claros sobre as práticas e crenças subjacentes à própria sociedade.

O relativismo cultural é essencial como ferramenta de pesquisa. Entretanto, empregá-lo não significa suspender definitivamente o julgamento, nem requer que os antropólogos defendam o direito de um povo para se engajar em qualquer prática cultural, ainda mais se destrutiva. É necessário evitarmos críticas *prematuras* até que tenhamos pleno entendimento sobre a cultura em que estamos interessados. Então, e somente então, é que os antropólogos podem adotar uma atitude crítica e, depois de obter informações, considerar as vantagens e desvantagens que crenças e comportamentos específicos apresentam à sociedade e seus membros. Como enfatizava o falecido

[20] Crocker, W. A.; Crocker, J. *The Canela, bonding through kinship, ritual and sex*. Fort Worth: Harcourt Brace, 1994. p. 143-171.

antropólogo britânico David Maybury-Lewis, "não se pode evitar fazer julgamentos, mas é possível retardá-los para, posteriormente, fazer julgamentos com base em informações".[11]

Há quarenta anos, o antropólogo norte-americano Walter Goldschmidt elaborou uma fórmula, que ainda é utilizada, para ajudar os colegas a evitar as armadilhas do etnocentrismo sem terminar na posição do "tudo é válido" do relativismo cultural levado ao absurdo.[12] De acordo com ele, a pergunta mais importante a se fazer é: até que ponto uma determinada cultura satisfaz as necessidades físicas e psicológicas daqueles cujo comportamento direciona?

Os indicadores específicos são encontrados no nível de nutrição e na saúde física e mental geral da população; a incidência de violência, crime e delinquência; a estrutura demográfica, estabilidade e tranquilidade da vida doméstica; e a relação do grupo com sua base de recursos. Pode-se afirmar que a cultura de um povo que apresenta altas taxas de má nutrição (incluindo obesidade), violência, crime, delinquência, suicídio, transtornos emocionais, desespero e degradação ambiental não está operando tão bem como a de um grupo que não apresenta tantos conflitos. Em uma cultura que opera bem, as pessoas "podem ser orgulhosas, ciumentas e agressivas e ter uma vida satisfatória sem sentir '*angústia*', 'alienação', 'anomia', 'depressão', ou quaisquer outras doenças que permeiam nosso modo de vida civilizado e desumano".[13] Quando as formas tradicionais parecem não funcionar mais, as pessoas se sentem incapazes de moldar suas próprias vidas na sociedade da qual fazem parte, sintomas de que uma interrupção cultural se torna proeminente.

Resumindo, uma cultura é essencialmente um sistema de manutenção para garantir a continuidade do bem-estar de um grupo. Portanto, pode ser considerada bem-sucedida enquanto garantir a sobrevivência de uma sociedade de modo que seus membros considerem razoavelmente satisfatório. O que complica é que qualquer sociedade é composta por grupos com interesses diferentes, criando a possibilidade de que os interesses de algumas pessoas sejam mais bem atendidos que os de outras. Assim, uma cultura considerada altamente satisfatória por um grupo de uma sociedade pode não ser tão satisfatória para outro.

Por essa razão, os antropólogos devem sempre perguntar: as necessidades e a sobrevivência *de quem* são mais bem atendidas pela cultura em questão? Apenas observando a situação geral, pode-se fazer um julgamento objetivo razoável sobre até que ponto uma cultura está funcionando. Mas, atualmente, os antropólogos reconhecem que existem poucos povos em isolamento total ou quase total e entendem que a globalização afeta a dinâmica das mudanças culturais em todos os cantos de nossa aldeia global. Da mesma forma, como será detalhado em vários dos capítulos seguintes, precisamos ampliar nossa visão e desenvolver uma perspectiva realmente universal que nos permita apreciar as culturas como sistemas cada vez mais abertos e interativos (às vezes reativos).

---

[11] Maybury-Lewis, D. H. P. A special sort of pleading. In: Haviland, W. A.; Gordon, R. J. (Eds.) *Talking about people*. 2. ed. Mountain View, CA: Mayfield, 1993. p. 17.

[12] Bodley, J. H. *Victims of progress*. 3. ed. Mountain View, CA: Mayfield, 1990. p. 138.

[13] Fox, R. *Encounter with anthropology*. Nova York: Dell, 1968. p. 290.

Resumo do capítulo

- Cultura, para o antropólogo, são ideias, valores e percepções compartilhados e socialmente transmitidos por uma sociedade, empregados para dotar de sentido a experiência e gerar comportamentos que os reflitam. A cultura não existe sem sociedade: um grupo organizado, ou um grupo de pessoas interdependentes que normalmente compartilham território, língua e cultura e que atuam juntas para a sobrevivência e o bem-estar coletivo. A cultura, que é aprendida, é diferente de comportamento instintivo compartilhado.
- Embora a cultura envolva um conjunto compartilhado de valores, ideias e comportamentos, nem tudo na cultura é uniforme. Por exemplo, em todas as culturas há algumas diferenças entre os papéis do homem e da mulher. Os antropólogos empregam o termo gênero para se referir às elaborações e aos significados culturais estabelecidos para a diferença biológica entre os sexos. A variação da idade também é universal e, em algumas culturas, também existem outras variações ou subculturas. Uma subcultura (por exemplo, os amish) compartilha certas suposições gerais com a cultura maior, enquanto observa seu próprio conjunto de regras distintas. Sociedades pluralistas são aquelas em que dois ou mais grupos étnicos, ou nacionalidades, estão politicamente organizados dentro do território do estado, mas mantêm suas diferenças culturais.
- Todas as culturas apresentam as seguintes características: além de serem compartilhadas, são aprendidas – os membros aprendem as normas aceitas de comportamento social através do processo de enculturação –; a cultura está baseada em símbolos, transmitidos por intermédio da comunicação de ideias, emoções e desejos expressos por símbolos, principalmente a linguagem; a cultura é integrada, de modo que todos os aspectos funcionam como um todo (embora não sem tensão, desentendimentos e mesmo conflitos); finalmente, toda cultura é dinâmica e mutável.
- Como ilustra o modelo cilíndrico (Figura 8.2, p. 198), todos os aspectos de uma cultura se encaixam em uma das três categorias amplas e inter-relacionadas: infraestrutura (as práticas de subsistência ou sistema econômico), estrutura social (as relações governadas por regras) e superestrutura (a ideologia ou visão de mundo).
- A adaptação cultural permitiu aos humanos sobreviver e se expandir para uma grande diversidade de ambientes. Às vezes, o que é adaptativo em um conjunto de circunstâncias ou no curto prazo pode não ser ao longo do tempo. Para sobreviver, uma cultura deve atender às necessidades biológicas e psicológicas básicas de seus membros, fornecer alguma estrutura para reprodução, de modo a garantir sua continuidade, e manter a ordem entre os membros, assim como entre eles e estranhos.
- As mudanças culturais acontecem em resposta a eventos como crescimento da população, inovações tecnológicas, crises ambientais, intrusão de estranhos ou modificação de comportamentos e valores. Embora a cultura deva mudar para se adaptar a novas circunstâncias, às vezes, consequências imprevistas de mudanças são desastrosas para uma sociedade. Da mesma forma, uma sociedade deve tentar manter o equilíbrio entre o interesse individual e as necessidades do grupo.

- O etnocentrismo é a crença de que sua própria cultura é superior às demais. Para evitar fazer julgamentos etnocêntricos, os antropólogos adotam para suas pesquisas a perspectiva do relativismo cultural, que requer a suspensão do julgamento para entender cada cultura em seus próprios termos.
- A medida menos tendenciosa do sucesso de uma cultura pode basear-se na seguinte pergunta: até que ponto determinada cultura satisfaz as necessidades físicas e psicológicas daqueles cujo comportamento direciona? Esses indicadores apresentam respostas: o estado nutricional, a saúde física e mental da população, a incidência de violência, a estabilidade da vida doméstica e as relações do grupo com sua base de recursos.

Questões para refletir

1. O primeiro passo, geralmente ignorado, para desenvolver o entendimento de outra cultura é ter conhecimento e respeito pelas próprias tradições culturais. Você conhece as origens da visão de mundo que a maioria das pessoas de sua comunidade apresenta? Como você acha que essa visão se desenvolveu e o que faz com que seja aceita, ou a torna tão popular, em seu grupo, hoje?
2. Embora todas as culturas do mundo apresentem certo grau de etnocentrismo, algumas são mais etnocêntricas que outras. De que maneira sua própria sociedade é etnocêntrica? Considerando a globalização atual (como descrito no Capítulo 1), você acredita que o etnocentrismo é um problema maior que no passado?
3. Como qualquer outra pessoa no mundo, você enfrenta desafios diários de sobrevivência através de sua cultura. E, já que você é transformado em um "ser humano completo" pela própria cultura, como expressa sua identidade individual na comunidade? Como seu estilo de penteado, roupas, sapatos, joias etc. mostram quem você é?
4. Várias grandes sociedades modernas são pluralistas. Você conhece alguma subcultura em sua própria sociedade? Você teria amizade ou casaria com alguém de outra subcultura? Que tipo de problemas provavelmente enfrentaria?
5. O modelo cilíndrico apresenta uma estrutura simples para imaginar como é uma cultura do ponto de vista analítico. De que forma você aplicaria esse modelo à própria comunidade?

Palavras-chave

Cultura; enculturação; sociedade; gênero; subcultura; grupo étnico; etnicidade; sociedade pluralista; símbolo; estrutura social; infraestrutura; superestrutura; adaptação cultural; etnocentrismo; relativismo cultural.